

REQUERIMENTO Número / (.^a)

PERGUNTA Número / (.^a)

Expeça - se

Publique - se

O Secretário da Mesa

Assunto:

Destinatário:

Exmo. Senhor Presidente da Assembleia da República

No passado mês de setembro os incêndios voltaram a assolar o país, com especial intensidade no distrito de Aveiro. Concelhos como os de Oliveira de Azeméis, Albergaria-a-Velha, Águeda, Sever do Vouga ou Arouca voltaram a ver os seus territórios consumidos pelas chamas. Em muitos destes locais foram destruídas habitações e outros edifícios.

A freguesia de Valongo do Vouga, concelho de Águeda, viu o seu território devastado e as populações ali residentes, muitas em pequenas aldeias, viveram momentos de terror. Enfrentaram as chamas de forma isolada, queixam-se de falta de apoio e de terem ficado sem água (pelo menos uma delas – Moutedo - também ficou sem eletricidade) no momento em que as chamas ameaçavam as casas. Queixam-se do abandono do território e de nunca terem sido concretizadas todas as promessas feitas no rescaldo de incêndios anteriores.

A aldeia da Cadaveira é paradigmática de tudo o que tem falhado ao longo de anos. Esta aldeia foi batizada de 'Aldeia Segura' em 2022. Aliás, ali mesmo, no Largo da Capela, foi afixada uma placa para assinalar o dia – 4 de junho de 2022 – em que a Secretária de Estado da Proteção Civil, o Presidente da Câmara Municipal de Águeda e o Presidente da Junta de Freguesia de Valongo do Vouga foram implementar o programa chamado 'Aldeia Segura Pessoas Seguras'.

Problema: é que depois da pomposa inauguração, voltou o abandono à aldeia. E, por isso, quando o fogo regressou à freguesia, a aldeia encontrou-se, uma vez mais, sozinha. O estradão que tinha sido prometido e que envolvia a retirada de vários eucaliptos; os pontos de água instalados na freguesia simplesmente não funcionaram porque o abastecimento da água canalizada foi cortado; o necessário reordenamento florestal foi um tema tabu e as centenas de hectares de eucaliptos em volta arderam até tocarem as casas da aldeia. À população nada foi proposto nem nenhum incentivo foi dado para substituir a monocultura do eucalipto que por ali grassa. Como a população notou em setembro deste ano, de 'aldeia segura' só lhe ficou o nome.

Em visita ao local e contacto com a população, o Bloco de Esquerda ouviu estas e outras

queixas de quem, uma vez mais, sentiu a sua vida e as suas posses ameaçadas pelas chamas. Ouvimos a população queixar-se de que nunca mais nada foi feito para que a aldeia fosse segura, que nenhum investimento importante foi ali feito para garantir esse desígnio. Também ouvimos a população manifestar a sua disponibilidade para avançar com a plantação de outras espécies, de forma a garantir um mosaico florestal mais diversificado e resiliente aos incêndios. O que falta, por isso, é disponibilidade do Governo para tudo isto.

A situação da aldeia da Cadaveira (que não é caso único uma vez que ali perto, em Moutedo, a população passou por uma situação de terror semelhante) levanta inúmeras dúvidas para as quais se exige resposta, dúvidas ampliadas pelo facto de esta ser, supostamente, uma 'aldeia segura'.

Assim, o Grupo Parlamentar do Bloco de Esquerda, ao abrigo das disposições constitucionais e regimentais aplicáveis, vem por este meio dirigir ao Governo, através do Ministério da Administração Interna, as seguintes perguntas:

1. Como se explica que os pontos de água colocados na aldeia da Cadaveira ao abrigo do projeto Aldeia Segura não tivessem funcionado por falta de abastecimento na rede de água canalizada na noite em que o incêndio chegou à aldeia?
2. Como se explica que o abastecimento de água a esta e outras aldeias (caso de Moutedo) tenha sido cortado quando estas populações combatiam o fogo?
3. Por que não se investiu nestas aldeias em meios que permitem a obtenção de água mesmo quando o abastecimento da rede de água e a eletricidade faltam? E está o Governo a pensar investir nesses meios?
4. Que investimentos pretende fazer e que meios pretende dar às populações para se protegerem, efetivamente, de futuros incêndios?
5. No âmbito do projeto Aldeia Segura foi prometido fazer-se um estradão junto da aldeia da Cadaveira, algo que nunca arrancou. Qual o motivo para tal nunca ter sido feito?
6. Qual a razão para, desde 2022, não se ter feito nenhum investimento para esta aldeia ou outras vizinhas, como é o caso de Moutedo, se terem tornado, efetivamente seguras?
7. Qual é o plano de Governo para fazer com que junto às aldeias da Cadaveira e de Moutedo se termine com a monocultura do eucalipto, se diversifique o mosaico florestal e se torne a floresta mais resiliente a incêndios? Em suma, qual o plano do Governo para o ordenamento da floresta nesta zona e, conseqüentemente, para a prevenção de futuros incêndios?

Palácio de São Bento, 14 de outubro de 2024

Deputado(a)s

FABIAN FIGUEIREDO(BE)